

ECONOMIA CENTRADA NO SER HUMANO

O Padrão de Vida das Nações

por Richard Samans

Publicado por Palgrave Macmillan em associação com a Organização Internacional do Trabalho

Proposta de uma reforma importante da macroeconomia para enfrentar os desafios sociais e ambientais do século XXI a uma maior escala e velocidade

- A IA e as alterações climáticas são vistas como susceptíveis de agravar a desigualdade e a deslocação na ausência de uma nova abordagem.
- Novos conceitos centrados no ser humano de "função de distribuição agregada" das economias e de "hiato de bem-estar" social, criados para internalizar os padrões de vida das famílias e o contrato social na macroeconomia, complementando a tradicional "função de produção agregada" e o "hiato de produção" centrados no PIB.
- A correspondente revisão da arquitetura financeira e comercial internacional, semelhante à de Bretton Woods, propõe **triplicar o financiamento do clima e do desenvolvimento sustentável para os países em desenvolvimento, duplicar a I&D no domínio do clima e substituir mais de metade das centrais a carvão do mundo nos próximos 15 anos** - mais 2 biliões de dólares, equivalentes a mais de 3% do PIB entre 2024 e 2030 para mais de 100 países -, numa escala comparável à do Plano Marshall e tudo isto possível sem aumentos da ajuda bilateral.
- A mudança da economia para um quadro de análise e um paradigma político mais próximo dos assuntos do dia a dia é vista como a chave para revitalizar a tradição liberal e o sistema multilateral que inspirou numa era de crescente insegurança e polarização.

Este livro lança uma reflexão fundamental sobre o subdesempenho crónico das economias no que diz respeito à inclusão social, à sustentabilidade ambiental e à resiliência sistémica e humana. Propõe uma reformulação da teoria e da política macroeconómica para internalizar explicitamente o papel das políticas e das instituições que as possibilitam. Da autoria do Diretor do Departamento de Investigação da OIT, Richard Samans, *Human-Centred Economics: thThe Living Standards of Nations* argumenta que a economia moderna perdeu o seu rumo a este respeito, tendo-se afastado do modelo mais equilibrado de progresso económico definido pelos fundadores e codificadores mais influentes da área nos seus tratados dos séculos XVIII e XIX.

A atual **crise do custo de vida recorda-nos** que as pessoas avaliam o desempenho económico do seu país com base no progresso do nível de vida do seu agregado familiar e da sua comunidade e não na noção mais abstrata e indireta de crescimento do PIB. Adam Smith, John Stuart Mill e Alfred Marshall afirmaram explicitamente que os mercados e a acumulação de capital não podiam, por si só, proporcionar uma melhoria alargada e duradoura do bem-estar material das sociedades. Argumentavam que eram também necessárias políticas e instituições de apoio numa grande variedade de domínios políticos, o que equivale a dizer que **um contrato social sólido é tão essencial como os mercados para obter o desempenho final que as sociedades procuram nas suas economias: um progresso amplo e duradouro no nível de vida das famílias**. No entanto, este contexto macro-institucional continua a ser uma consideração residual da economia moderna, implicitamente assumida como um subproduto natural do crescimento económico. O livro apresenta décadas de provas do contrário, sem esquecer da importância crucial do crescimento, especialmente para a redução da pobreza.

O autor argumenta que **a própria macroeconomia exige uma reforma estrutural e um reequilíbrio num século que enfrenta a perspectiva de mais desigualdade e perturbações decorrentes da inteligência artificial e da aprendizagem automática, das alterações climáticas e de outras mudanças e choques.** Há quem veja na IA o início de uma era de abundância, mas até agora a tendência têm sido a transformação digital da atividade económica levar ao aumento das desigualdades, tanto no interior dos países como entre eles. A IA generativa e outras formas avançadas de IA podem muito bem ampliar este efeito, se tudo o resto se mantiver igual. E há anos que os decisores políticos prometem internalizar melhor as externalidades ambientais e, em particular, climáticas, na forma como as nossas economias são geridas. No entanto, quase uma década após a definição dos objetivos do Acordo de Paris sobre o clima, a humanidade continua a caminhar para um aquecimento superior, e não inferior, a dois graus Celsius acima dos níveis pré-industriais.

Quinze anos após a Grande Crise Financeira, os compromissos internacionais então assumidos pelos líderes políticos no sentido de reequilibrarem as suas economias no que diz respeito à inclusão, sustentabilidade e resiliência continuam a ser, na prática, largamente aspiracionais e incrementais. **Para efetuar a mudança à escala e à velocidade prometidas, a humanidade tem de responder à questão de saber como é que o código-fonte do capitalismo - a teoria económica liberal e a análise, aconselhamento e assistência prestados pelas instituições económicas internacionais - pode ser reescrito** para melhor servir um mundo em que as considerações distributivas e de "transição justa" se tornaram, para muitas sociedades, pelo menos tão importantes como a dimensão global das suas economias, medida pelo PIB, e, na verdade, funcionam muitas vezes como um entrave ao próprio crescimento. Por outras palavras, como pode a economia liberal ser reformulada para melhorar tanto a quantidade como a qualidade social do crescimento e, na verdade, para alcançar a primeira através da segunda?

O autor defende que a correção do desequilíbrio moderno entre mercados e instituições, produção e distribuição, rendimento nacional e nível de vida das famílias é o passo mais importante para substituir o "neoliberalismo" do século XX por um modelo de progresso económico mais centrado no ser humano no século XXI. **O princípio essencial que o livro defende é que os padrões de vida das famílias medianas merecem, pelo menos, tanta atenção política direta e cultivo por parte dos economistas e decisores políticos como a riqueza global, ou produção, das nações.** O progresso geral na experiência de vida das pessoas, mais do que o crescimento do PIB per se, depende da força dos mercados e das instituições em áreas como o trabalho e a proteção social, a governança financeira e empresarial, a concorrência e as rendas, as infra-estruturas e as necessidades básicas, a proteção do ambiente, a luta contra a corrupção e a educação e as competências.

Para apoiar a aplicação deste princípio, o livro integra estas e outras dimensões institucionais fundamentais do contrato social no cerne da teoria macroeconómica, em igualdade de circunstâncias com os fatores de produção tradicionais da função de produção agregada. Propõe a internalização sistemática desses "fatores de distribuição" - facilitadores políticos e institucionais de ganhos amplamente difundidos e sustentáveis nos padrões de vida - no modelo padrão de crescimento e desenvolvimento, através da introdução de uma "função de distribuição agregada" que reflecta os principais canais pelos quais as melhorias nos padrões de vida se propagam ao nível dos agregados familiares. Uma tal reformulação tem o potencial de transformar a ciência sombria da sua construção cada vez mais ineficaz e impopular centrada na acumulação de capital e no trickle-down para uma dinâmica mais centrada no ser humano, em que os governos se concentram tanto na navegabilidade dos navios e das suas tripulações como no nível da maré. É a combinação dos dois que, em última análise, determina se todos os habitantes da marina se elevam e beneficiam plena e sustentavelmente da generosidade do mar.

São apresentados dados comparativos exaustivos que demonstram que quase todos os países dispõem de uma margem de manobra considerável para reduzir o seu "hiato de bem-estar" social – entendido como um fraco desempenho em dimensões fundamentais do nível de vida das famílias em relação à fronteira de eficiência das mesmas - e que, a o fazê-lo, podem também ajudar a reduzir o seu hiato de produto - um fraco desempenho em termos de crescimento. O autor propõe reformas importantes e correspondentes da governança e cooperação económicas internacionais para as reorientar no sentido de apoiar as sociedades e a biosfera nesta jornada - um **"Consenso de Roosevelt" para substituir o Consenso de Washington, ainda em vigor.** Estas incluem mudanças que optimizariam a utilização dos recursos existentes das instituições financeiras internacionais para permitir que a humanidade atinja os objetivos que os seus líderes estabeleceram em matéria de desenvolvimento sustentável e alterações climáticas, mobilizando 2 biliões de

dólares adicionais, semelhantes aos do Plano Marshall, para triplicar o financiamento internacional do desenvolvimento e do clima entre 2024 e 2030, duplicar o investimento global em P&D em energias renováveis e agricultura sustentável e retirar e substituir a maioria das centrais eléctricas a carvão do mundo nos próximos quinze anos - um pré-requisito para o cumprimento dos objetivos do Acordo de Paris sobre o clima.

Samans comentou: "Muitos têm apelado à realização de uma **nova conferência de Bretton Woods** para renovar o sistema multilateral e melhorar a coerência das suas dimensões económica, social e ambiental. Mas estes apelos nunca tiveram grande significado, em parte porque lhes faltava um princípio organizador - um modelo político novo ou substancialmente revisto sobre o qual construir um edifício institucional renovado."

O livro conclui com uma reflexão sobre a relação entre os conceitos e instrumentos que propõe e o legado de John Maynard Keynes, interpretando-os como uma forma de reforçar, através de uma política estrutural e institucional, os seus esforços de política fiscal e monetária para traçar um Caminho do Meio entre a economia liberal do laissez-faire e o socialismo controlado pelo Estado - para melhor conciliar o capitalismo com a justiça social. De fato, **durante a próxima geração, a humanidade terá de traçar um novo Caminho do Meio na economia, desta vez entre o crescimento destrutivo para o ambiente e a estagnação económica socialmente destrutiva ou decrescimento.** A proposta de integração sistemática dos principais motores institucionais da inclusão, da sustentabilidade e da resiliência na teoria e na política macroeconómica cria a base para a construção dessa **nova "síntese neoclássica-keynesiana-ecológica"** e para a correspondente concretização da visão de desenvolvimento económico global e de governança socialmente incorporada e inspirada por FDR, articulada pela Declaração de Filadélfia da OIT de 1944 e que teve eco nos artigos fundadores do acordo do FMI e do Banco Mundial na conferência de Bretton Woods, alguns meses mais tarde.

"Este passo, há muito esperado, no sentido da internalização rotineira das externalidades sociais e ambientais na compreensão e na prática da macroeconomia tem também o potencial de iluminar as perspectivas políticas da tradição liberal no século XXI, tanto no interior das nações como entre elas. Com o seu enfoque acentuado no nível de vida médio das famílias, a economia centrada no ser humano é uma economia de mesa de cozinha. É uma estratégia para aumentar o investimento na experiência vivida pelas pessoas - a sua oportunidade de emprego, rendimento disponível, poder de compra e segurança económica, ambiental e social. Estas são questões de relevância tangível para pessoas de todas as demografias e filosofias políticas. São também determinantes fundamentais do crescimento económico. Como tal, esta abordagem permitiria aos líderes políticos ultrapassar as polémicas contemporâneas sobre identidade e imigração, respondendo de forma mais direta e eficaz às aspirações comuns dos seus povos. Ao fazê-lo, oferece uma potencial tábua de salvação à tradição liberal e ao sistema multilateral numa altura de crescente perturbação económica, insegurança social e polarização política. Estes fatores são profundamente corrosivos para os valores liberais que sustentam a democracia e a visão da paz e da estabilidade globais enquadradas na Constituição da OIT de 1919, no seu anexo à Declaração de Filadélfia de 1944, na Carta das Nações Unidas de 1945 e na Declaração Universal dos Direitos do Homem de 1948.



Richard Samans é Diretor do Departamento de Pesquisa da Organização Internacional do Trabalho e foi o seu Sherpa nos processos do G20, G7 e BRICS. Anteriormente, foi fundador e presidente do Climate Standards Disclosure Board, diretor executivo do Fórum Económico Mundial e diretor-geral do Global Green Growth Institute. Trabalhou na segunda administração Clinton-Gore como Assistente Especial do Presidente para a Política Económica Internacional e Diretor Sénior do Conselho de Segurança Nacional para os Assuntos Económicos Internacionais e foi anteriormente consultor de política económica do líder democrata do Senado dos EUA, Thomas A. Daschle.

A versão em livro eletrónico está disponível numa base de acesso livre em:

<https://link.springer.com/book/9783031374340>

Elogios a Economia Centrada no Ser Humano: O nível de vida das nações

"John Maynard Keynes argumentou que as ideias dos economistas são mais poderosas do que pensamos; que determinam o quadro em que pensamos sobre a economia e, consequentemente, as políticas específicas que determinam os resultados económicos e sociais. Este excelente volume argumenta que o quadro da economia liberal já não é adequado ao seu objetivo. Propõe uma revisão do quadro padrão para abordar questões como o aumento da desigualdade, as alterações climáticas e a polarização social. Desafia-nos a todos a pensar de novo, aproveitando os pontos fortes da análise económica convencional e, ao mesmo tempo, reconhecendo as suas fraquezas."

Ravi Kanbur, T.H. Lee Professor de Assuntos Mundiais, Professor Internacional de Economia Aplicada e Professor de Economia na Universidade de Cornell e antigo Diretor do Relatório sobre o Desenvolvimento Mundial e Economista-Chefe para África no Banco Mundial

"Um novo contrato social e uma transição climática justa são urgentemente necessários, mas exigirão uma reforma fundamental da economia tal como tem sido ensinada e praticada no último meio século. Este livro propõe a substituição mais séria e específica do neoliberalismo e do Consenso de Washington que já vi. Deveria ser leitura obrigatória no meio académico, nos governos e nas organizações internacionais - e para qualquer pessoa interessada numa ação sistémica, e não fragmentada, em matéria de justiça social e ambiental."

Sharan Burrow, antigo secretário-geral da Confederação Internacional dos Sindicatos e presidente do Conselho Australiano dos Sindicatos

"O capitalismo de mercado livre está doente e o exame de consciência dos economistas, que têm alguma responsabilidade pelo seu estado enfraquecido, ainda não produziu soluções. Em 'Human-Centred Economics', Samans centra-se nas instituições não mercantis para reanimar a economia de mercado. As instituições que afectam a distribuição e o bem-estar médio dos trabalhadores - formações políticas democráticas, relações internacionais de colaboração - devem ser tão importantes para o pensamento económico como as forças de mercado. "Esta alteração amigável à teorização económica apoia uma importante proposta política que procura resolver os problemas persistentes do subdesenvolvimento, da degradação climática, da excessiva financeirização e do declínio do bem-estar humano no século XXI. Este livro provocador merece uma leitura alargada."

William Milberg, Professor de Economia e Diretor do Heilbroner Center for Capitalism Studies, The New School for Social Research

"Este é um livro muito oportuno e importante. Fornece uma bússola e um roteiro crucialmente necessários para o número crescente de governos que estão a definir objetivos nacionais baseados no bem-estar social e ambiental, em vez de se concentrarem apenas no crescimento do PIB. E aborda de forma brilhante as falhas intelectuais e morais da atual teoria e prática económica, estabelecendo um novo sistema operacional centrado no ser humano para a condução da política económica. Nunca é demais recomendá-lo."

Stewart Wallis, Presidente Executivo da Wellbeing Economy Alliance e antigo Diretor Executivo da New Economics Foundation

"Em 'Human-Centred Economics: The Living Standards of Nations', Richard Samans leva-nos de volta aos princípios básicos e expõe, numa prosa clara e convincente, onde nos enganamos. Ele identifica o fosso entre as preocupações da economia política clássica e grande parte da política económica contemporânea e explica o que está em jogo nesta disjunção. Ao desconstruir o contacto social e ao enquadrá-lo como indispensável tanto para a riqueza nacional como para o bem-estar coletivo, Samans fornece uma visão alternativa para a macroeconomia num texto erudito mas acessível que é tão útil para estudantes avançados de licenciatura e pós-graduação que procuram uma compreensão mais profunda do campo como para os decisores políticos interessados em aumentar a ação sobre a desigualdade e as alterações climáticas."

Jennifer Lynn Bair, Professora de Sociologia e Reitora Associada de Ciências Sociais, Universidade da Virgínia